

GT 03 - ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E PEDAGOGIA CULTURAL: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO (ENTRE)LINHAS SOB AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PÓS-MODERNIDADE

Tainara Carareto¹
Débora Cristina Santos e Silva²

Resumo

O artigo propõe a análise do projeto (entre)linhas, criado por dois bailarinos no ano de 2012 na cidade de Goiânia com o objetivo de proporcionar a criação coletiva de um espetáculo de dança híbrido. A análise é feita a partir dos conceitos de pós-modernidade, hibridismo e identidade apresentados principalmente por Stuart Hall (2006) e Lemos (2002).

Palavras-chave: Dança, processo criativo, pós-modernidade, mulher.

Introdução

Em 2012, na cidade de Goiânia, dois jovens bailarinos, ex-integrantes da Quasar Jovem Cia de Dança, decidiram se unir e criar um trabalho autoral. Depois de algumas experimentações de movimentos surgiu a necessidade de produzir algo diferente do que haviam vivenciado em processos criativos em dança até aquele momento. Foi então que surgiu o projeto (entre)linhas, cujo objetivo era, além de difundir a arte no ambiente acadêmico, oportunizar à universitários de áreas artísticas e não artísticas a construção coletiva de um espetáculo de dança com características híbridas.

Durante cinco meses estudantes de diversos cursos das universidades Federal e Estadual de Goiás se reuniram com o intuito de desvendar quem é a mulher contemporânea, temática abordada pelo espetáculo Segundo, resultado do projeto. Os questionamentos que emanaram do coletivo foram transpostos em movimento pelos corpos dos dois intérpretes criadores. No palco, a mulher construída pelo coletivo mostrou-se multifacetada. Fragmentos de uma mulher que sobrevive à fluidez e à

¹ Formada em Educação Física pela ESEFFEGO, Pós-graduada em Pilates pela PUC-GO e intérprete-criadora do projeto (entre)linhas.

² Docente do PPG-IELT. Professora do Curso de Letras do CCSEH. Líder do Grupo ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG.

efemeridade das relações pós-modernas, dona de uma identidade instável, confusa e, por vezes, contraditória.

Os conceitos de pós-modernidade, identidade e hibridismo apresentados por LEMOS (2002), HALL (2006), SILVA (2012) e SANTAELLA (2003) parecem estar presentes tanto no processo criativo do Projeto (entre)linhas quanto no retrato da mulher feito pelo espetáculo Segundo. O uso das redes sociais como fonte de pesquisa, a construção coletiva da temática, as vídeo projeções que integram a cena, bem como sons, cenário, falas e poesia presentes no espetáculo evidenciam a relação entre o projeto e os conceitos mencionados.

Sendo assim, esse artigo propõe a análise do Projeto (entre)linhas e, conseqüentemente do espetáculo Segundo, o qual resulta desse projeto, a partir da discussão sobre os conceitos de pós-modernidade, identidade e hibridismo, de modo a relacioná-los com a obra em questão.

Pós-modernidade e identidade pós-moderna

A concepções de sujeito – individual, racional, unificado e coerente – que por tanto tempo coexistiram no mundo social moderno, conferindo-lhe a estabilidade necessária, estão em declínio. Desde o século XX, as identidades modernas passam por um processo de fragmentação e deslocamento. Essa “crise de identidade”, tal como é denominada por HALL (2006), é resultado de mudanças mais amplas – sociais, políticas, econômicas e culturais – pelas quais passam a sociedade contemporânea.

LEMOS compreende a modernidade como “uma maneira de estar no tempo e no espaço, vivida de forma diferente pelas civilizações míticas tradicionais.” (2002, p.61). É ainda uma forma de “racionalização da vida social no término do século XVII.” (2002, p.61) necessária para o desenvolvimento industrial e a modernização global da época. Já a ideia de pós-modernidade, que aparece na segunda metade do século XX, está relacionada ao período pós-industrial, à sociedade do consumo, do excesso e, conseqüentemente, do desperdício, da tecnologia – que impulsiona o desenvolvimento das máquinas de informação, como os computadores –, da necessidade de conquista do presente, de se viver o aqui e o agora, e mais, de experimentar a manipulação do tempo e do espaço (LEMOS, 2002).

Para HARVEY (1996), BAUMAN (2001) e CANCLINI (2003) apud SILVA (2012, p.339), “A aceleração do tempo e a transgressão dos limites e do espaço são características da sociedade contemporânea”. BERMAN (1986) e HALL (2003), também citados por SILVA (2012), concebem

a contemporaneidade como sinônimo de fluidez, obsessão e irreversibilidade. LYOTARD apud LEMOS (2002, p.65) ao fazer um paralelo entre modernidade e pós-modernidade afirma que:

A ciência moderna foi construída na síntese do discurso e do empirismo, procurando o consenso, a eficiência, a certeza e o determinismo. Ao contrário, a ciência pós-moderna (a teoria do caos, as lógicas não denotativas, o paradigma cibernético informacional, a teoria dos jogos, a mecânica quântica, a matemática fractal, etc.) legitima-se pelo paradoxo e pela paralogia, revelando o heterogêneo e a diferença. [...]A ciência pós-moderna torna-se uma espécie de ciência do descontínuo, do catastrófico, do complexo e do paradoxal.

Nesse contexto, JAMENSON apud LEMOS (2002) propõe a ideia de uma “esquizofrenia pós-moderna” na qual a quebra da continuidade temporal intensifica a experiência do presente e, conseqüentemente, a sensação de frustração e de desespero, promovendo assim uma desestabilização acelerada das personalidades em ruptura com o início da modernidade. Nesse mesmo sentido, HALL (2006) questiona se o sujeito que vive na pós-modernidade não seria também um sujeito “pós” qualquer identidade fixa ou essencialista, conduzindo-nos a refletir se as identidades modernas não estariam realmente entrando em colapso frente aos significativos fenômenos sócio-políticos-econômicos-culturais vividos pela sociedade pós-moderna.

489

Para HALL (2006), as transformações pelas quais a sociedade moderna vem passando desde o final do século XX abalaram as bases sólidas sobre as quais nasceu o sujeito moderno, o qual, por sua vez, passa por um processo de fragmentação e descentramento tanto de sua identidade pessoal (da concepção que o sujeito tem de si mesmo), quanto da sua identidade social e cultural (formada a partir da interação do sujeito com o meio em que vive), fato que caracterizaria o que esse autor denomina de crise de identidade do sujeito moderno.

O nascimento do sujeito moderno, indivisível, singular, dotado de racionalidade e cientificismo, tem suas bases em movimentos como a Reforma, o Protestantismo e o Iluminismo. René Descartes foi um dos primeiros filósofos a discorrer sobre a concepção de homem moderno, pautada no dualismo *corpo e mente*, no qual a “mente”, ou seja, a capacidade de raciocinar, dá origem ao sujeito individual e soberano (HALL, 2006). Daí a clássica frase por ele proferida: “Penso, logo existo”.

O modernismo trazia, portanto, uma visão bastante individualista do sujeito, cujo “centro” – ao que HALL (2006) se refere como sendo a identidade de uma pessoa – consistia em um núcleo interior, que surgia no momento de seu nascimento e com ele se desenvolvia, permanecendo praticamente o mesmo ao longo de sua existência.

Assim, no século XVIII era visível que os processos da vida moderna estavam centrados no indivíduo (HALL, 2006). Porém, a medida em que a sociedade foi se tornando mais complexa, adquiriu também uma forma mais coletiva e social, fato que deu origem à concepção de sujeito sociológico, cuja a identidade seria constituída a partir da interação entre o eu e a sociedade, num diálogo constante entre interior e exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público.

A partir de então, o núcleo interior do sujeito não poderia mais estar centrado no indivíduo, “[...] não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.” (HALL, 2006, p.11). Apesar do sujeito ainda ter um núcleo interior (que seria o “eu real”), esse núcleo é permeável, de modo que projetamos a nós mesmos nas identidades culturais pelas quais somos diariamente atravessados. Como afirma HALL, “a identidade costura o sujeito à estrutura” (2006, p.12), uma forma metafórica de brilhante de mostrar como a identidade é constituída através da relação intrínseca estabelecida entre sujeito e cultura – sujeito e sociedade.

Na pós-modernidade, esse processo de identificação social se tornou mais provisório, variável e problemático, de modo que o sujeito pós-moderno não é constituído de uma única identidade, fixa e estável, mas de múltiplas identidades, fragmentadas e, não raras vezes, contraditórias e mal resolvidas (HALL, 2006). Hall a define como sendo uma “celebração móvel”, à medida em que somos constantemente atravessados por culturas e identidades diversas em um processo de identificação, construção e reconstrução complexo e contínuo. Engana-se quem acredita que a identidade permanece a mesma, do nascimento à morte do sujeito, pois ela

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume e identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando-nos em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas. [...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13).

Destarte, a fragmentação do sujeito moderno é resultado de mudanças institucionais e estruturais advindas da pós-modernidade, as quais transformaram o sujeito e fizeram surgir novas identidades – necessárias à manutenção do novo modelo sócio-cultural que se instaurava, colocando fim ao período definido como modernidade. HALL (2006) define cinco descentramentos que,

segundo ele, foram primordiais para a ruptura com o conceito de modernidade, deslocando o indivíduo até o descentramento final da identidade fixa e estável do sujeito cartesiano.

O primeiro descentramento referencia-se no pensamento marxista de que “os homens fazem história apenas sob as condições que lhes são dadas” (HALL, 2006, p. 34). Sob essa perspectiva, os indivíduos jamais seriam autores de sua própria história pois esta só poderia ser “escrita” com base em referências socioculturais pré-existentes.

A descoberta do inconsciente por Freud constitui o segundo descentramento do sujeito moderno. Para Freud, a identidade é fruto de processos psíquicos e simbólicos do inconsciente e, portanto, estaria sempre incompleta – em formação. Não seria, assim, algo inato, mas sim o resultado de um processo gradual e contínuo de construção e reconstrução vivenciado pelo indivíduo desde a sua infância, a partir da relação com o outro (como na “fase do espelho”, quando a criança se vê “inteira” a partir do olhar do outro) e das negociações psíquicas com o inconsciente.

O terceiro descentramento está associado à pesquisa linguística de Ferdinand de Saussure. Segundo ele, “A língua é um sistema social e não um sistema individual.” (HALL, 2006, p.40). Dessa forma em hipótese alguma o indivíduo seria autor de suas falas, já que estas, além de preexistirem o indivíduo, estariam sempre impregnadas de significados socialmente construídos e culturalmente moldados: “Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.” (SAUSSURE Apud HALL, 2006, p.40). A língua, tal como a identidade, não tem um significado fixo, fechado; por mais que se tente determiná-lo, sempre existirão significados complementares sobre os quais não teremos qualquer controle (DERRIDA apud HALL, 2006).

O quarto descentramento estaria relacionado ao surgimento de uma nova forma de poder no decorrer do século XIX, ao que Michel Foucault se refere como “poder disciplinador”. Este, seria mantido por instituições coletivas, tais como escolas, quartéis, prisões e hospitais, cujo o objetivo seria produzir um corpo humano “dócil”, disciplinado. O controle sobre o indivíduo e, mais especificamente sobre seu corpo, apesar de promovido por instituições coletivas, acabariam por individualizar os sujeitos, a fim de aumentar o controle e a vigilância sobre eles.

O quinto e último descentramento está relacionado aos novos movimentos sociais e, em específico, ao movimento feminista, o qual teve uma relação direta com a crise do sujeito moderno ao questionar a forma que é construída a “identidade social” da mulher promovendo discussões sobre papéis sociais e temas como família, sexualidade, divisão do trabalho doméstico, antes não

discutidos e/ou pertencentes exclusivamente à vida privada. O movimento feminista ampliou-se e acabou promovendo também discussões sobre a formação das identidades sexuais e de gênero.

Logo, esses cinco descentramentos acabaram por deslocar o sujeito da condição sólida e estável que se encontrava na modernidade, fazendo emergir, junto ao contexto pós-moderno, identidades tão complexas quanto este período, caracterizado pela mudança constante, rapidez, multiplicidade, diferença, fluidez, necessidade de transgressão do tempo e do espaço e presenteísmo. Uma sociedade líquida construída pelo paradoxo.

Globalização, cibercultura e o impacto na identidade cultural

Para LEMOS (2002), a pós-modernidade é o terreno de desenvolvimento da cibercultura. SANTAELLA (2003) vai de encontro a essa afirmação ao comparar a dinâmica pós-moderna à dinâmica observada na cibercultura, a qual ele se refere como “uma dinâmica de aceleração do tráfego, das trocas e das misturas entre as múltiplas formas, estratos, tempos e espaços da cultura” (p.59). Ainda segundo Santaella, a cibercultura nasce a partir de uma necessidade – pós-moderna – da velocidade e de redes interativas, as quais, por consequência, acabaram acelerando e humanizando a interação entre homem e máquina.

O uso tecnologia aplicada à informática e às telecomunicações promoveu uma explosão no processo de distribuição da informação, conectando todo o mundo, em um processo denominado globalização (SANTAELLA, 2003). Esse processo origina novas formas de socialização e de cultura – a chamada cibercultura – contribuindo também para constituição de novas identidades (HALL, 2006). Sobre o ritmo e o alcance das mudanças promovidas pela globalização, GIDDENS apud HALL (2006) cita que “à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra”, tal como a natureza das instituições modernas que também são transformadas (p.15).

Sobre o processo de globalização e sua influencia na constituição de novas identidades, HALL (2006) afirma que uma de suas características principais é a “compressão espaço-tempo” – a aceleração dos processos globais de modo que as distancias tornam-se mais curtas e que um fato que acontece em determinada parte do planeta tem um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distancia. Segundo SANTAELLA (2003), a emergência da cibercultura e o processo de globalização transforma o modo como se pensa o sujeito e, conseqüentemente, como se pensa a sociedade, afinal “essa cultura promove o individuo como uma identidade instável, como um

processo contínuo de transformação de múltiplas identidades, instaurando formações sociais que não podem mais ser chamadas de modernas, mas pós-modernas.” (SANTAELLA, 2003, p. 126-127)

É nesse contexto (pós-moderno) que se estrutura o Projeto (entre)linhas, concebido por dois bailarinos goianos com o objetivo de criar, a partir de um coletivo, um espetáculo de dança contemporânea sobre a mulher que vive na contemporaneidade.

O projeto (Entre)linhas

O (entre)linhas, contemplado pelos Prêmios Klauss Vianna de Dança 2012 e 2013, consiste em um projeto multidisciplinar, realizado na cidade de Goiânia, o qual propôs o diálogo entre áreas, universos e realidades diferentes na composição de um espetáculo híbrido, denominado Segundo. Durante cinco meses, estudantes de nove cursos diferentes (Audiovisual, Dança, Design Gráfico, Design de Moda, Música, Publicidade e Propaganda, Artes Cênicas, Direção de Arte e Psicologia) das duas maiores universidades públicas goianas se reuniram com os intérpretes-criadores, Gabriel Côrtes e Tainara Carareto com o intuito de questionar, discutir, explorar e construir quem ou o que é a mulher contemporânea, abordada em Segundo. O espetáculo é, portanto, resultado de um processo de criação coletivo e sensível, no qual o público é convidado a passear pelo universo feminino, refletir sobre a liquidez das relações humanas e vislumbrar a dança além da própria dança. Uma composição híbrida, decorrente de encontros múltiplos (BURKE, 2003) em que o mais importante resulta dos “nós”: das relações estabelecidas entre “as linhas” e o que não está efetivamente expresso nelas.

A fim de manter uma expressividade viva, compreendida por BAKHTIN (2002) apud PASSOS (2011) como tudo aquilo que “[...] tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores”, e de captar o imperceptível (BONFITTO, 2002), nesse projeto foram adotadas, como práticas investigativas e composicionais, encontros coletivos entre interpretes-criadores e universitários, nos quais foram propostos laboratórios e discussões pautados na troca e no diálogo constante.

Surgiram nesses encontros questionamentos como “o que esperam de mim e o que eu espero de mim”. Palavras escritas em papel foram transportadas para corpos paradoxais que procuraram transcrever em gestos e movimentos ações resultantes de “o que esperam de mim”, ocasionando uma reflexão a cerca de uma sociedade que conduz, manipula, julga e nem sempre respeita as decisões dos indivíduos que a integram, e, conseqüentemente o despertar para a necessidade de construção de

uma obra que falasse da mulher, temática inicialmente proposta, porém a partir das relações humanas, bem mais complexas.

Com o intuito de “[...]potencializar as comunicações descentralizadas e multiplicar os tipos de realidade que encontramos na sociedade” (SANTAELLA, 2003, p. 128), foi criada uma mulher para as redes sociais: a Helena Silva - uma personagem feita a várias mãos e cheia de verdades nada absolutas. Todos os integrantes do projeto tinham acesso ao perfil (fake) da Helena Silva e podiam postar, como Helena, textos, reportagens, comentários e imagens pertinentes ao universo feminino. A ideia de criar um personagem virtual para o projeto (entre)linhas surgiu da necessidade de dialogar sobre a mulher contemporânea sem partir da verdade de uma pessoa específica. Os idealizadores do projeto acreditavam que possibilitar a seus integrantes expor seus anseios, questionamentos e experiências, porém de modo anônimo, seria um estímulo a discussões – necessárias – de assuntos considerados tabus pela sociedade, provocando reflexões pertinentes a cerca de questões íntimas que dizem respeito ao papel social desempenhado pela mulher atualmente.

De acordo com LEMOS (2002), o ciberespaço, mais que um fenômeno técnico, é um fenômeno social. Consiste em um espaço de comunhão, capaz de aproximar pessoas que, unidas pelas redes telemáticas, compartilham além de interesses em comum, fotos, vídeos, arquivos e correspondências, sendo os e-mails e os chats são as ferramentas mais usadas. Ainda sobre o ciberespaço, esse mesmo autor cita o sociólogo alemão Simmel o qual compara o ciberespaço simultaneamente a uma ponte e a uma porta. A ponte permitiria visualizar a distância existente entre eu e o outro e representaria o desejo de aproximação, agregação, comum a qualquer vida em sociedade. Já a porta é o que separa, o que mantém a minha individualidade, a parte que não quer contato com o outro e que evita a socialização. Mais ainda, “ela é a socialização que mantém suas distâncias e que compõe o indivíduo” (LEMOS, 2002, p. 142). Assim, o ciberespaço pode ser visto através dessa metáfora como uma rede, pontes de pontes ligando potencialmente todos a todos, mas também como uma porta, pois permite o contato com o mundo, mas resguarda a privacidade de se estar dentro de seu próprio quarto, o isolamento e a solidão.

A Helena Silva permitia aos integrantes do (entre)linhas justamente a experimentação dessa dinâmica da ponte e da porta. Aos mesmo tempo em que todos poderiam se comunicar e se expressar usando o perfil da Helena, o faziam de maneira anônima, (como *personas*), tendo sua identidade resguardada. Tornavam-se todos Helena. Isso só foi possível com a apropriação do ciberespaço pela equipe do projeto, afinal, nele “a identidade é ambígua, não existindo certezas (sexo, classe, raça) para a determinação das formas de interação. Sem um corpo físico como ancora, não há uma

identidade fechada, mas identificações efêmeras e sucessivas” (LEMOS, 2002, p.178). Nesse cenário,

O *netcyborg* está então livre para o exercício de multipersonalidades, agindo por sinceridades sucessivas[...]. As diversas comunidades virtuais emergentes do ciberespaço proporcionam emoções coletivas, identificadoras, não com o indivíduo preso a uma identidade fechada, mas como *personas* de diversas máscaras. (LEMOS, 2002, p. 178)

O perfil da Helena Silva alimentou o processo (entre)linhas desde a concepção do projeto até a apresentação do espetáculo *Segundo*. Sua repercussão surpreendeu a equipe. Segundo os idealizadores do projeto, Gabriel Côrtes e Tainara Carareto, Helena fez aniversário, flertou com um mexicano, esteve no Movimento Marcha das Vadias realizado na cidade de Goiânia e conversou com centenas de pessoas que sequer a conheciam. Uma personagem sim, mas que traduziu em falas, poesia, textos e imagens a personalidade múltipla da mulher pós-moderna, que vive na contemporaneidade.

Outro recurso adotado pelo projeto consistiu na escolha de objetos por parte de cada integrante da equipe a partir de referências pessoais (memória individual/identidade) e de referências socialmente construídas sobre quem é a mulher que vive na contemporaneidade. Sensibilizados ainda pelas obras de Clarissa Pinkola Estés, *Mulheres que correm com os lobos*, e de Simone de Beauvoir, *Segundo Sexo*, nas práticas adotadas pelo coletivo durante o que seus intérpretes-criadores denominam de processo (entre)linhas, foram oportunizadas experiências a partir das quais os corpos dos intérpretes permitiram-se contaminar pelo coletivo, possibilitando a “emergência de diferentes olhares, percepções e descobertas que são determinantes para a transformação, seja do homem ator, seja do público” (BONFITTO, 2002, p.123).

O *como* cada universitário participante do projeto foi tocado durante o processo, traduziu-se em sons, cores, formas e texturas as quais, a partir de fotografias modificadas, desenhos, poesia, fones de ouvido, projeção de vídeo, e painel interativo, tocaram também o público que adentrou o foyer do teatro, sensibilizando-o para compor a plateia. No palco, a dança, vista a partir do entrelaçado de matrizes diferentes permitiu-se transformar. Os corpos dos intérpretes, integrados ao cenário, música, figurino, iluminação e projeções, transpuseram em movimento pensamentos, sensações e questionamentos que emanaram do coletivo (CARARETO; CÔRTEES, 2013), de modo a potencializar a obra semanticamente (BONFITTO, 2002). Corpos estes que, contaminados pelo coletivo, conferiram ao espetáculo (intitulado *Segundo*), características híbridas, bem como uma unidade e o resgate da poética.

LEMOS (2002) define as combinações múltiplas, colagens, *happenings* e performances como a única possibilidade para o artista pós-moderno. Segundo ele, a arte pós-moderna ancora-se no presente, revisitando o passado. É uma arte performática, participativa e que se apropria das novas tecnologias. Uma arte híbrida em que “estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” conforme definição apresentada por CANCLINI apud SILVA (2012, p.339). SANTAELLA (2002, p.13) complementa dizendo que

[...]cada fase da história tem seus próprios meios de produção da arte. Vem daí outro desafio do artista que é o de enfrentar a resistência ainda bruta dos materiais e meios do seu próprio tempo, para encontrar a linguagem que lhes é própria, reinaurando as linguagens da arte.

O espetáculo

*Em um mundo de imagens e manipulações,
o que esperam de nós?
Dúvidas de ser e não ser...
Dúvidas de ir e vir...
E, ao mesmo tempo, o íntimo, desejos, vontades...
Tentativas de adaptação e readaptação...
A fragilidade do ser humano diante de uma vida sem autonomia... O desgaste das
relações contemporâneas frente ao efêmero...
Consciência?
Antes um deixar-se levar pela loucura...
Em frações de angústia e sucesso, fragmentos de uma mulher que resiste à
sobrecarga dos dias atuais. Uma mulher que, mesmo apartada de si mesma, arrisca
viver, de forma singular e criativa, suas dúvidas e certezas.
A multiplicidade do feminino na descrição de tantas personagens em uma só.
(Trecho retirado do programa do espetáculo)*

Esse é o texto introdutório do programa do espetáculo Segundo, entregue ao público que foi ao teatro assistí-lo. Em poucas linhas fica claro que a obra se desenvolve com base no conceito de vida pós-moderna. Palavras como *dúvidas*, *adaptação*, *readaptação*, *fragilidade*, *efêmero*, *loucura* e *angústia* remetem ao cenário descontínuo, catastrófico, complexo e paradoxal advindo com pós-modernidade, conforme definiu LYOTARD apud LEMOS (2002), autores apresentados anteriormente.

A multiplicidade do feminino, revelada na obra, vai de encontro aos conceitos de identidade colocados por HALL (2006), o qual fala de uma fragmentação do sujeito, que deixa de ter uma

identidade fixa para assumir múltiplas identidades, resultantes de um processo de identificação com o outro.

Segundo fala sobre a mulher moderna, a mulher múltipla, a mulher e seus diversos papéis, a mulher em uma sociedade que presta homenagens, mas nem sempre a respeita. A mulher, suas várias faces e suas diversas formas de existir e de se sentir.

O espetáculo é resultado de uma proposta de criação coletiva – o Projeto (entre)linhas – e dialoga sobre a mulher contemporânea sem partir da verdade de uma pessoa específica, fato que fica evidente ao se observar o processo através do qual projeto se desenvolveu. Talvez, por isso, transcenda a expressão mais óbvia de quem é essa mulher, transformando-a quase em um patchwork: uma personagem feita a várias mãos e cheia de verdades nada absolutas. Fragmentos de uma mulher que, no decorrer do processo criativo, revelou-se indecifrável, indizível, singular e não menos encantadora...

Segundo. A ambiguidade proposital do termo que identifica o espetáculo é uma crítica a temporalidade, urgência, fragilidade e liquidez das relações humanas pós-modernas, mas também à dependência (mesmo que camuflada) do segundo sexo, uma mulher que se define, quase sempre, em função do homem e raramente para si própria (a esposa, a mãe, a rapariga, a prostituta...). Afinal, como afirmou Simone de Beauvoir apud CARARETO (2013), não é a inferioridade das mulheres que determinou sua insignificância histórica, mas sua insignificância histórica que a dedicou a um patamar de inferioridade. Assim, a obra traz questionamentos sobre um universo complexo e levamos a refletir sobre papéis historicamente e socialmente construídos.

As cenas de Segundo são como um despir a mulher. Os conceitos estéticos adotados conduzem a uma busca da mesma por autoconhecimento, levando-a questionar-se enquanto segundo sexo. O corpo instaura-se como veículo de afirmação de uma mulher que, complexa, caminha da submissão à consciência de si. No palco, as linguagens se misturam: dança, poesia, imagens, projeções, música, figurino e cenário se entrelaçam, “compondo um todo mesclado e interconectado de sistemas de signos que se juntam para formar uma sintaxe integrada.” (SANTAELLA, 2003, p. 135)

Uma obra sensível, intimista e profunda. Uma abordagem digerida, transmutada, incorporada. Sem referências diretas, sem militâncias... Uma mulher em forma de poesia.

A mulher contemporânea tem essa reintegração da Mulher Selvagem, uma mulher livre, dona de si, yang, independente, sexual, sensual, e ainda sim muito feminina! Conectada com seu sagrado interior, sem perder de vista seu lugar na sociedade. Uma mulher em pé de igualdade com o homem, nem superior nem inferior,

simplesmente igual; e semelhantes, com seu animus integrado, e o homem com sua alma integrado. (GONÇALVES apud CARARETO, 2013)

Considerações Finais

O projeto (entre)linhas estruturou-se a partir de um coletivo cujo objetivo consistia na criação de um espetáculo de dança contemporânea sobre quem é a mulher que vive na contemporaneidade. Os conceitos de pós-modernidade e de identidade, propostos por LEMOS (2002), HALL (2006), SILVA (2012) e SANTAELLA (2003) e discutidos no início desse artigo, bem como a análise do projeto (entre)linhas e do espetáculo Segundo, aqui apresentados, evidenciam a relação intrínseca entre a estrutura do projeto, o desenvolvimento da temática do espetáculo e os conceitos de pós-modernidade proferidos por esses autores.

De acordo com LEMOS (2002) a arte pós-moderna resulta de combinações múltiplas. Quando essas combinações se unem e originam algo novo, está instaurado um processo de hibridização (CANCLINI apud SILVA, 2012). Assim, o (entre)linhas, ao optar por um coletivo diverso para compor sua equipe, mostra-se como um projeto híbrido tanto em sua estrutura – integrantes –, quanto em sua proposta – criar um espetáculo com linguagens múltiplas a partir da interação entre dança, música, cenário, figurinos, poesia, sons, imagens, projeções, no qual o público seja convidado a visualizar a dança além da própria dança.

A opção por um coletivo híbrido para o processo de criação de um espetáculo de dança só faz sentido a partir do momento em que se compreende a complexidade e a efemeridade das relações humanas que se estabelecem na pós-modernidade e, conseqüentemente, a necessidade de não partir de uma verdade absoluta, mas de verdades – identificações, pontos de vistas diferentes, que por vezes se contrapõe, mas que também se complementam, construindo algo novo. Era esse o objetivo dos dois intérpretes criadores ao estruturarem o projeto: permitirem-se ser atravessados, deslocados de sua zona de conforto e de concepções estáticas para criar algo novo, diferente do que estavam acostumados a fazer.

O artista pós-moderno, ainda citando LEMOS (2002), aquele que busca descobrir novas possibilidades através do emprego da tecnologia em suas obras. No (entre)linhas, o uso da tecnologia se deu tanto no processo, quando a equipe permitiu-se apropriar do ciberespaço e usar uma comunidade virtual como meio de pesquisa e construção da temática abordada pelo espetáculo (perfil fake da Helena Silva), quanto no espetáculo em si, com o uso de vídeo projeções, por exemplo.

O processo de construção da identidade pós-moderna, sobre o qual HALL (2006) discorre com propriedade também é evidenciado na obra, quando a mulher contemporânea se revela multifacetada, fragmentada, deixando de ter uma identidade fixa (como o sujeito moderno) para assumir identidades múltiplas, resultantes de um processo de identificação social (sujeito pós-moderno). A identidade é, nesse contexto, fruto da relação inseparável entre sujeito e cultura, entre sujeito e sociedade.

Conclui-se, portanto, que o Projeto (entre)linhas, bem como o espetáculo Segundo, trazem consigo características pós modernas, tais como o hibridismo, o emprego de recursos tecnológicos, a temporalidade, urgência, fragilidade e liquidez das relações humanas, o discurso sobre o feminino além de atribuir uma identidade múltipla, complexa, fragmentada à mulher que vive na contemporaneidade.

Referências

BONFITTO, Matteo. **O ator-compositor: as ações físicas como eixo: de Stanilávski a Barba**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002. 147 p. ISBN 85-273-0284-5.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. (Trad. MENDES, L. S.). Rio Grande do Sul: Ed. Unisinos, 2003. 116 p. ISBN: 8574311979.

CARARETO, Tainara, CÔRTEZ, Gabriel. **Projeto (entre)linhas/Espetáculo Segundo – Circulação Nacional**. Prêmio Klauss Vianna de Dança. Goiânia, 2013.

HALL, STUART. **A Identidade Cultural da Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Juliana C. **A arte como discurso ou a discursividade nas linguagens artísticas**. Revista Cena PPGAC, Rio Grande do Sul, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/cenamov/article/view/22824/13225>>. Acesso em: 20 ago. 2016. ISSN: 2178-2172.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias a cibercultura**. São Paulo: Paulus,. 2003.

SILVA, Débora. **A modernidade líquida na ciberpoesia de Antero de Alda**. Texto Digital, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 337-360, jul./dez. 2012. ISSN: 1807-9288